

## Beijando Judas ou Antes de Caim matar Abel

Dayane Rouse Fraga Lima

Apesar do pressuposto, Abel não gostava do natal.

A grande árvore verde e enfeitada montada no canto esquerdo da sala lhe dava náusea. Aborreciam-lhe profundamente os pisca-piscas azuis e as grandes bolas vermelhas adornadas por laços de fita dourados. Para ele, mais odioso do que tudo isso era a grande estrela brilhante no topo da Cruz de Cristo.

Detestava as músicas empoeiradas que tomavam conta dos cômodos naquela época do ano. Odiava também os primos e as primas que vinham para a ceia sem gosto de sua casa. Execrava as brincadeiras sem atrativos que os adultos faziam para distrair as crianças menores. Não sentia vontade de sorrir para seus tios e, sempre que podia, dava tapas nas mãos que lhe apertavam as bochechas coradas.

Tinha dez anos e era uma criança de temperamento perverso.

Não gostava da Mãe.

Boa Mãe: dona da alma de seus filhos, mas, aos sábados, deixava que os meninos brincassem com elas, contanto que eles não as manchassem com muita terra e ketchup. E todas as noites, sentava-se com eles na cama, beijando suas bochechas em gesto materno mecânico. Caim dizia ver naquele carinho programado uma prova de afeto, mas Abel sabia melhor e, ao se perceber filho um pouco mais amado, se sentia livre para desprezá-la.

O Pai era um fraco. Perda de tempo mencioná-lo.

Mas o menino também sabia amar, e a maioria das coisas por ele queridas eram simples: o cheiro gostoso de chocolate, o prazer de descobrir um sabor novo de sorvete, deitar-se na areia áspera e desconfortável da praia, as brincadeiras de moleque saudável e, claro, as tardes livres da presença sufocante da Mãe aos sábados, quando ele e seu idêntico roubavam o tempo ao correr pelo enorme quintal da casa, trepando nas árvores e caindo na grama recém-aparada, dois selvagens em um cenário domesticamente idílico, e onde ele passava as horas mais preciosas e alegres de sua curta existência.

Abel amava tudo em Caim. Tudo. Amava seu sorriso limpo e a forma gentil com a qual o irmão olhava para o mundo e suas cores, amava sua maneira alegre e a personalidade dócil, tão diferente da sua. "Univitelinos", gostava de repetir em voz alta a Tia Porca, a palavra mais importante do que os sobrinhos, porém de caráter completamente distintos. Distintos também eram seus olhos, e isso fazia com que o amor de Abel crescesse ainda mais: Caim possuía a íris muito azul, e Abel, sempre sórdido e dissimulado, trazia nos olhos a ausência de todas as cores.

A Mãe via nisso uma forma de diferenciar os garotos para melhor castigá-los, a Tia Porca via no fato uma raridade e o Pai, sempre tão apagado, não via nada. Mas Abel sabia melhor, e por isso sabia a verdade: vindos do mesmo óvulo, o nascimento não os separara por inteiro, e, protetor que era do outro, Abel olhava o mundo primeiro: seus olhos filtravam todas as coisas nocivas à inocência do irmão, fazendo com que as impurezas observadas por ele se fixassem nas suas íris, o que lhe obscurecia a cor e a visão. Por suas membranas apenas o que era luz passava, e essa sim chegava a Caim.

Os olhos negros de Abel eram sua melhor forma de amar.

- O que você está fazendo aí embaixo? Não vai brincar?

A toalha que cobria a mesa da sagrada ceia natalina da família foi erguida e

depois abaixada. Caim e Abel, os rostos quase idênticos, se encararam, ambos agora sentados embaixo da mesa, escondidos do mundo pela toalha. Caim estendeu a mão e colocou na palma do outro alguns doces.

- Você não quer brincar com nossos primos? - perguntou Caim novamente.

- Eles são estúpidos e suas brincadeiras são estúpidas. - respondeu Abel.

- Mas Tio..vai soltar fogos! - exclamou Caim, tentando animar o gêmeo. - Você não quer ir olhar?

- Só se algo der errado e ele pegar fogo. - disse Abel maldoso.

Caim não se abalou. Conhecia o gênio mau do outro, e não se importava. Sabia da intolerância do irmão a todos, incluindo aos próprios pais, e tinha consciência de que era o único ser que Abel amava.

- Você pode ir se quiser, Caim. - disse Abel depois de alguns minutos em silêncio. - Você gosta dessas coisas.

- Não vou deixar você aqui embaixo sozinho. É natal.

- É só uma data ridícula.

- No natal devemos ficar com a família.

- Nossa família é ridícula.

- É a celebração do nascimento de Cristo. - insistiu Caim.

- Quem se importa com isso? - perguntou Abel com certo desprezo. - É só uma data ridícula. - repetiu.

Caim olhou para o irmão. Os olhos azuis curiosos.

- Não tem medo de ser castigado por dizer essas coisas?

Abel mexeu os ombros, despreocupado, e essa foi sua única resposta. Os dois ficaram mais uns minutos em silêncio enquanto comiam os doces trazidos por Caim e espiavam pelos ouvidos o mundo para além da mesa: a toalha os protegia dos olhares da sala, mas não impedia que a conversa das pessoas chegassem até eles. Às vezes, alguém se aproximava e eles achavam que iriam ser descobertos ali embaixo, mas logo a pessoa se afastava e o temor passava. Ficaram assim até os doces acabarem.

Depois de limpar a boca com as costas da mão, Caim suspirou e deixou que o corpo trombasse mais para perto do outro, seus ombros, lado a lado, se tocando.

- Não acredito que você não quer ver os fogos. - comentou Caim. - Não sei como se aguenta, nunca quer fazer nada divertido.

Abel riu do tom choroso e pegou a mão do irmão entre as suas.

- Você que é um idiota que se diverte com qualquer coisa estúpida. - sussurrou para Caim enquanto brincava com a mão do mesmo. Tinha o mesmo tamanho e cor que a sua própria mas, ao mesmo tempo, era tão diferente.

Caim, depois de alguns momentos, ergueu a mão que estava livre e fez um cafuné em Abel, o gesto carinhoso e fraternal. Apesar de terem a mesma idade, Abel se comportava como um irmão muito mais velho, e Caim nunca sabia ao certo como retribuir a afeição que recebia.

Então, o milagre.

Nenhum dos dois soube ao certo como aconteceu, mas os lábios se roçaram, suaves, macios, ilícitos. Olhos muito abertos e antagônicos se enxergaram enquanto as bocas ainda estavam coladas e Abel viu, pela primeira vez, os olhos tão claros e puros de Caim escurecerem.

Por um momento, assustou-se.

Então percebeu que o que via não eram os olhos de Caim, maculados, mas os seus próprios refletidos na íris mais clara. E pela primeira vez, viu o mundo não pela ótica impura de seus olhos escuros, mas sim através dos límpidos do outro.

- Abel! Caim! - passos foram ouvidos e Abel se afastou impassível. A toalha foi erguida, e o rosto da Mãe apareceu: nele era possível ver todos os sinais do sangue de Cristo: olhos turvos, bochechas avermelhadas e hálito doce. Ela sorriu para os dois filhos descobertos. - Aí estão vocês! A ceia já vai começar! Vamos, vamos, saiam logo daí.

Caim foi o primeiro a sair debaixo da mesa sagrada. Suas bochechas estavam coradas, mas mesmo assim, procurou os olhos do irmão, que também saiu do esconderijo.

Olharam-se. E sorriram.

Anos depois, dois tiros.